



Latas d'água nas cabeças: Percepções sobre a água na comunidade quilombola de Mata Cavalo

Priscilla Mona Amorim¹
Regina Aparecida Silva²
Michèle Tomoko Sato³

Resumo: A pesquisa teve como objetivo compreender a percepção que os quilombolas de Mata Cavalo têm sobre a água. O aporte metodológico utilizado foi a Cartografia do Imaginário que proporcionou muitas formas de interpretar. Foram realizados trabalhos de campo com entrevistas semiestruturadas. Os entrevistados percebem a água como algo essencial à vida e apontam que as ações humanas têm afetado na sua qualidade e disponibilidade. As temáticas “água e educação ambiental” são trabalhadas pontualmente na escola da comunidade, fato que dificultou a compreensão sobre os problemas socioambientais vivenciados cotidianamente. A escassez da água é uma das mais dramáticas consequências das mudanças climáticas, por isso é necessário que a educação ambiental enfatize este problema enfrentado pelos quilombolas, pois isso os fragiliza e, juntamente com o descaso do poder público, os tornam ainda mais vulneráveis às injustiças ambientais.

Palavras-Chave: Água. Quilombolas. Educação Ambiental.

Latas de agua en las cabezas: Percepciones sobre el agua en la comunidad quilombola de Mata Cavalo

Resumen: La investigación tuvo como objetivo comprender la percepción que los quilombolas de Mata Caballo tienen sobre el agua. El aporte metodológico utilizado fue la Cartografía del Imaginario que proporcionó muchas formas de interpretar. Se realizaron trabajos de campo con entrevistas semiestruturadas. Los entrevistados perciben el agua como algo esencial a la vida y apuntan que las acciones humanas han afectado en su calidad y disponibilidad. Las temáticas "agua

¹ Graduação em Geografia e Mestrado em Educação, ambos pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: priscilla_amorim_22@hotmail.com

² Possui graduação em licenciatura em ciências biológicas e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), doutorado em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais (PPGERN) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2011) e pós-doutorado em Educação pela UFMT. E-mail: rasbio@gmail.com

³ Licenciada em Ciências Biológicas (São Paulo: UNISA, 1982), mestre em Filosofia (Norwich: University of East Anglia, 1992), doutora em ciências (São Carlos: UFSCar, 1997), e 2 estágios de pós-doutorado em Educação (Université du Québec à Montréal, Canadá, 2007 & Universidade A Coruña, Espanha, 2014). E-mail: michelesato@gmail.com

y educación ambiental" son trabajadas puntualmente en la escuela de la comunidad, hecho que dificultó la comprensión sobre los problemas socioambientales vivenciados cotidianamente. La escasez del agua es una de las consecuencias más dramáticas del cambio climático, por lo que es necesario que la educación ambiental enfatiza este problema enfrentado por los quilombolas, pues eso los fragiliza y, junto con el descuido del poder público, los hacen aún más vulnerables a las injusticias medioambientales.

Palabras Clave: Agua. Quilombolas. Educación ambiental.

Water cans on the heads: Perceptions on water in the quilombola community of Mata Cavalo

Abstract: Our research had as objective to understand the perception of water by interviewing inhabitants from Mata Cavalo's Quilombo. Our methodological contribution was Cartography of the Imaginary that gave us many ways to interpret the results. We conducted fieldwork with semi-structured interviews. The interviewees perceived the water as something essential to life and indicated that human actions have affected in your quality and availability. The themes about "water and environmental education" are not presented in the community school, that makes difficult for understanding the daily environmental problems. Because lack of potable water is one of the most dramatical consequences of climate change, environmental education must emphasize this problem faced by the Quilombolas, which weakens them and, together with the neglect of public power, makes them even more vulnerable to environmental injustices.

Keywords: Water. Quilombolas. Environmental Education.

CAMINHOS INICIAIS

A água pode ser considerada um dos elementos naturais mais importantes para todas as formas de vida, pode ainda ser apontada como o único bem natural relacionado com todos os aspectos da civilização humana. É possível ter uma noção da importância da água para o desenvolvimento da humanidade quando se observa que é ao longo dos rios e litorais que se concentram os maiores índices de densidade demográfica. Este fenômeno pode ser explicado pelo fácil acesso à água e a utilização desta nas plantações, indústrias e serviços como um todo, além da contribuição aos valores culturais da sociedade.

Por enquanto, a quantidade de água que se tem disponível para consumo é suficiente para atender as necessidades da sociedade, porém limitada, sendo necessário o uso consciente para que este elemento natural limitado não se torne totalmente escasso, o que impossibilitaria qualquer forma de vida no planeta. Contudo, as previsões das mudanças climáticas trazem um panorama geral desolador, não apenas à vida humana, mas ao conjunto de vidas que tecem a integridade planetária. Uma das mais graves consequências já sentidas nos dias atuais, em várias regiões do mundo, é a escassez da água potável.

Sendo um elemento natural de valor inestimável, a água não deve ser tratada como um recurso, já que esta palavra tem uma implicação mercadológica, todavia o valor da água transcende o capital, ou meramente o seu uso pela espécie humana. Ela encerra um valor espiritual, político e sobremaneira ético à compreensão do que se denomina de vida para além da humanidade. Diante de tamanha importância é necessário repensar a forma como este bem natural vem sendo tratado nos dias atuais, principalmente nas formas de conservação por se tratar de um bem essencial à vida, porém limitado.

Mesmo sendo considerado um direito de todos, o acesso à água de boa qualidade não é privilégio de todos, sobretudo quando se trata de pessoas economicamente desfavorecidas. A comunidade quilombola de Mata Cavallo pode ser tomada como exemplo, esta que enfrenta grandes desafios para a sobrevivência no quilombo e que ainda tem sofrido historicamente com dificuldades de acesso à água. Tal fato ocorre em decorrência de diversos fatores como: a degradação da natureza, conflitos com fazendeiros da região e também descaso por parte do poder público.

O projeto guarda-chuva que abarca esta investigação intitula-se “Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA)⁴, coordenado pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) e que envolve 15 entidades nacionais e internacionais. O projeto parte da premissa que as mudanças climáticas possuem profundas ligações com as intervenções humanas e que os desastres que daí possam advir acometerão os grupos sociais em situação de vulnerabilidade. Mata Cavallo, comunidade quilombola, é um destes grupos que já sofre com diversos conflitos socioambientais, além dos preconceitos e também racismo ambiental. Há uma evidente tendência de que a situação piore, já que as previsões das mudanças climáticas projetam um aumento de até 3 ou até 4 graus na temperatura do Cerrado. Prevê-se, também, escassez de água potável, perda da biodiversidade, seca e desertificação, e migrações das populações em grande escala, entre outros. O território de Mata Cavallo, que já é disputado, terá outros conflitos socioambientais dramáticas.

Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado que buscou compreender a percepção dos quilombolas de Mata Cavallo sobre a água na comunidade, considerando suas percepções em relação à oferta, qualidade, alterações no ambiente que possam estar relacionados com este elemento natural e ainda o valor imaterial atribuído à água no quilombo.

⁴ Disponível em: <https://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/reaja_31.html>.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO

A área de estudo escolhida foi a comunidade quilombola de Mata Cavalo, que está localizada no município de Nossa Senhora do Livramento (MT), às margens da rodovia MT 060. Esta comunidade tem origem a partir dos processos de escravidão vividos pelo Brasil durante a colonização, no decorrer deste período muitos escravos fugiam da dominação existente no contexto da escravidão e ao longo destas fugas se abrigavam nos quilombos. Conforme a Fundação Cultural Palmares⁵, quilombolas são descendentes de africanos escravizados que fugiram para áreas denominadas de quilombo em busca de melhores condições de vida e ainda hoje, mantém suas tradições culturais.

De acordo com Manfrinate (2011), inicialmente o Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT), demarcou durante dez anos as terras do quilombo de Mata Cavalo como tendo a extensão de 11 mil hectares, que seriam correspondentes às fazendas que na verdade ocupavam as terras quilombolas, entretanto, esse número foi contestado pela Associação de Mata Cavalo e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que a partir de 2007, tiveram de fazer uma nova medição nas terras alterando para 15 mil hectares para as demarcações e desapropriações. Segundo o Cadastro da Associação de Moradores, 415 famílias vivem atualmente no quilombo.

Por meio de leituras e relatos dos quilombolas foi possível compreender que as terras que são ocupadas hoje por esta comunidade, são fruto de uma doação de terras para alguns escravos, a qual foi realizada por uma antiga dona de sesmaria no ano de 1876. A senhora Ana Silva Tavares deixou em 1883 um testamento lavrado em cartório, que atestava parte de sua terra, a sesmaria Boa Vida aos seus escravos e ex-escravos. Partes das terras também foram compradas pelos escravos e seus descendentes no século XIX, e com o fim da escravidão em 1888, negros livres também chegaram à Mata Cavalo com o intuito de moradia e vida nova (BARROS, 2007).

Desde a chegada dos quilombolas ao quilombo de Mata Cavalo a luta para que seja obtido o título definitivo da terra é intensa e o único documento que comprovava a doação feita por Ana Silva Tavares aos escravos desapareceu misteriosamente, acontecimento que fortaleceu ainda mais os fazendeiros que disputam as terras com os quilombolas.

⁵ Tem a função de formalizar a existência de comunidades quilombolas, que são descendentes de escravos africanos e mantem tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo do tempo. A fundação desenvolve projetos, programas e políticas públicas de acesso à cidadania, além de assessorá-los juridicamente.

Além de todas essas considerações pesando contra o estabelecimento da Comunidade de Mata Cavalo, a documentação original de doação das terras do quilombo também foi extraviada do cartório em que foi lavrada, sendo um ponto a mais para a contestação dos fazendeiros (MANFRINATE, 2011, p. 55).

Nos dias atuais, a falta de água é apontada pelos moradores como o maior problema na comunidade. Tal dificuldade afeta toda a comunidade e é agravada com ações dos fazendeiros e garimpeiros que provocam desmatamentos e erosões. Os conflitos socioambientais são grandes na comunidade e são acentuados pelo embate com os fazendeiros. Desta forma:

Os povos quilombolas vêm enfrentando um processo longo de conflitos ambientais centrados essencialmente nas disputas pelos seus territórios e na luta pelo reconhecimento de seus direitos ancestrais. Os conflitos com os fazendeiros fizeram com que muitos quilombolas abandonassem suas terras, mesmo com um refluxo recente podemos perceber que muitos dos seus hábitos foram alterados pela privação do contato com o território (SILVA, 2011, p. 149).

Apesar dos inúmeros conflitos, esta comunidade tem grandes potencialidades históricas e culturais, que são preservadas pelos moradores para que seja mantida viva a identidade e memória de seus antepassados. Esta cultura se manifesta na comunidade por meio de danças, cantos, artesanatos, festas e também pela memória dos moradores mais antigos, que presenciaram grande parte das lutas. Ainda em meio a estas lutas e conflitos procuram manter viva a identidade e cultura que os tornam um povo singular quando se trata de tradição, cultura e resistência às adversidades.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O caminhar metodológico busca a inspiração na Cartografia do Imaginário (SATO, 2011), que pertence aos estudos fenomenológicos da imagem Bachelardiana. Para esta pesquisa, compreende-se que a apreensão do mundo nunca é na sua totalidade, por isso, não existe apenas uma verdade. O fenômeno é percebido conforme o jogo de memória, percepções, vivências, experiências e saberes. Contudo, sempre restará o mistério que nenhuma ciência será capaz de desvendá-la. Os segredos da Terra, assim, são necessidades para que ele seja do jeito que se apresenta, entre portas abertas e fechadas. São dualidades da noite e do dia, entre as entradas semicerradas e as saídas semiabertas. O sonhador constrói uma imagem do fenômeno, já que não é a totalidade, mas apenas uma impressão (BACHELARD, 2001). A compreensão deste imaginário é a fenomenologia que assume a

tarefa de capturar o ser existencial efêmero. É uma cartografia na busca de imagens capturadas, como produto da alma em um processo de cosmogonia intuitiva (BACHELARD, 2002). Por meio deste “recorte imaginário” a pesquisa surge, já que não se consegue apreender o fenômeno em sua totalidade, porém em sua porção menor. Para Bachelard (1989, p. 142), “posso melhor o mundo na medida que seja hábil para miniaturizá-lo”.

Busca-se compreender, assim, a percepção dos quilombolas de Mata Cavallo sobre a água na comunidade considerando suas percepções em relação à oferta, qualidade, alterações no ambiente que possam estar relacionados com este elemento natural e ainda, o valor imaterial atribuído à água no quilombo.

A abordagem por meio da Cartografia do Imaginário que delinea os caminhos desta pesquisa apresenta os mesmos princípios da pesquisa qualitativa em que os caminhos percorridos são tão importantes quanto os resultados pretendidos. De acordo com Godoy (1995, p. 63), os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto, fato que torna todos os processos da pesquisa importantes e prazerosos.

A Cartografia do Imaginário proporciona muitas formas de interpretar e diversas descobertas. Elaborada por Michèle Sato (2011) esta metodologia propõe que a pesquisa pode revelar o que somos no espaço real (existência), mas também o que queremos ser no espaço ilusório (devir). Esta metodologia não prende o(a) pesquisador(a) em apenas um caminho, uma única possibilidade, mas deixa-o livre para percorrer os caminhos que julgar necessário para alcançar os resultados desejados, desta forma:

[...] na cartografia do imaginário, entretanto, o que talvez importe não seja o destino final, mas a rota e a viagem realizada nos percalços de uma longa viagem. Usando a imaginação e permitindo que a intuição também seja parceira na pesquisa, talvez possamos realizar uma viagem que conta com vários meios de transportes (SATO, 2011, p. 4).

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com vinte quilombolas (estudantes, funcionários da escola, moradores da comunidade e usuários do poço comunitário do quilombo), as quais foram registradas com gravadores de voz e observação direta do cotidiano na comunidade escolar⁶ de Mata Cavallo. Estas entrevistas tiveram o objetivo de conhecer a percepção dos quilombolas a respeito do tema tratado. Por se tratar de uma entrevista subjetiva, foi necessário não se

⁶ Entendemos por comunidade escolar os estudantes, professores, funcionários da escola, pais e moradores da comunidade que frequentam a escola.

apegar apenas as palavras ditas pelos entrevistados, mas a forma como diziam. Com o aporte da Cartografia do Imaginário os gestos, o silêncio e a forma de expressar dos entrevistados foram considerados para compreender a percepção que eles têm sobre a água.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos a fim de obter percepções e olhares diferenciados acerca do objetivo da pesquisa. Considerando ainda que seriam abordados os olhares sob vários ângulos do problema da água na comunidade, permitindo ao final da pesquisa um olhar mais abrangente sobre o assunto pesquisado.

Foram entrevistadas pessoas de 13 até 72 anos de idade. A diferença de idades dos entrevistados permite conhecer visões diferenciadas sobre o assunto pesquisado, enquanto as pessoas mais vividas relatam com sabedoria o que já viveram no quilombo, por meio dos jovens é possível compreender sobre o que esperar para o futuro da comunidade, não desconsiderando a contribuição e relação dos moradores mais antigos com o futuro do quilombo.

O Painel Intergovernamental de Mudanças do Clima (IPCC) recomenda que se obtenha informações intergeracionais dos mais idosos, contando histórias à geração mais nova. Esse método permite compreender as leituras climáticas e as transformações ocorridas no local. No âmbito das pesquisas do grupo pesquisador, as narrativas populares revelam sabedoria etnográfica que deve ser revisitada, lembrada, registrada e respeitada. São arcabouços do que Sato e Senra (2009) denominam de “epistemologia popular” que auxiliam na construção histórica da biorregião, aliando informação dos espaços naturezas e culturas.

PERCEPÇÕES SOBRE A CAMINHADA

Foram registradas e compreendidas aqui algumas falas dos entrevistados que mostram como percebem a água na comunidade, tanto por olhares conflituosos, como por olhares de beleza e encantamento por este bem natural. Estas reflexões e percepções são acompanhadas das ideias de alguns autores que dão sustentação aos resultados, reforçando ainda as reflexões feitas pelos entrevistados.

No contexto dos princípios das escolas sustentáveis há três dimensões subdivididas, porém que estão intrinsicamente conectadas. Considerando estas dimensões os resultados serão apresentados. O saber político da educação ambiental não é fragmentado, mas por algum efeito pedagógico ou de compreensão privilegiou-se um eixo mais imediato e visível (Gestão da escola) e outros dois mais processuais e permanentes (Espaço e Currículo).

Compreende-se o Espaço como uma possibilidade física e não física de aprendizagem, onde as percepções sobre a água e natureza se fazem mais relevantes, junto com o contexto político da valoração da vida, fé, crença, participação e cidadania. Por isso os conflitos a respeito dos entrevistados são também aqui contextualizados, pois entende-se que o caos faz parte das aprendizagens significativas e não se deve temê-las, mas implicá-las na existência humana e na construção da cidadania.

Nos caminhos percorridos durante esta pesquisa compreende-se que a água é vista como um bem natural essencial à vida. Os quilombolas de Mata Cavalo exaltam a importância da água para as suas vidas ao apontarem que outras necessidades humanas como o acesso à alimentação e energia elétrica são dispensáveis, no entanto sem água é impossível viver.

Morador/a da Comunidade	<i>“Água é a melhor coisa, até com fome a gente passa, mas sem a água não tem condição. A fome a gente segura, mas a sede não dá”.</i>
----------------------------	--

A água, para esta comunidade, ultrapassa o sentido de ser apenas um bem natural e essencial à vida, pois dos relatos dos quilombolas depreende-se que a água apresenta um valor cultural e imaterial inestimável. Percebe-se isto por meio das relações estabelecidas entre a comunidade e as fontes de água no quilombo, como por exemplo, os córregos (Figura 01).

Funcionário/a da Escola	<i>“[...] O córrego Mata Cavalo era lindo, agora até ainda tem água, mas a água era de correnteza mesmo. A gente pegava câmara de pneu e subia em cima e ia descendo pelo rio, era muito bom. E nesta questão de mudanças a água do rio diminuiu muito, muito mesmo”.</i>
----------------------------	---

Figura 01: Córrego Mata Cavallo.



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Os córregos da comunidade remetem aos quilombolas valores que estão intimamente relacionados aos seus antepassados, que tinham nos córregos fontes de alimentos, lazer, bem-estar e sobrevivência. A água pode ser uma fonte de energia, como afirma Bachelard (1989, p.153), “com sua substância fresca e jovem, a água nos ajuda a nos sentir enérgicos”. Esta energia pode ser percebida nas falas dos entrevistados, pois antigamente os poços não existiam para suprir suas necessidades e ainda hoje, embora em menor quantidade, alguns quilombolas ainda atribuem estes valores aos córregos da comunidade.

Os saberes tradicionais dos quilombolas estão presentes na maioria de suas falas. E buscou-se evidenciar aqui um saber tradicional que está diretamente relacionado com o acesso à água no quilombo, que é por meio da construção de cacimbas⁷ em seus quintais. Por meio das falas compreendemos que a construção destas cacimbas não são acompanhadas de estudos científicos ou técnicos prévios, mas sim da necessidade de acesso a água e ainda por ser um conhecimento passado entre as gerações.

Morador/a da
Comunidade

“Antigamente eu usava água do leito do rio (Mata Cavallo), tinha cabeceira, a água era boa, aí a gente fazia cacimba, fazia na beira do brejo de dois ou três metros, aí lá puxava na caçambinha com lata, aí carregava nas costas e trazia em casa”.

⁷ São buracos cavados na superfície do solo para ter acesso a água, são feitos normalmente em locais com lençóis freáticos aflorados.

Os quilombolas compreendem a relação com a água de formas contrastantes. Assimilam a melhoria com o acesso aos poços, por outro lado, percebem que a degradação dos córregos mudou os seus hábitos, sobretudo a alimentação (pesca), lazer, consumo e saúde. As percepções que indicam que está pior atribuem às mudanças ao desgaste sofrido pelo córrego Mata Cavalo e também ao aumento do número de moradores na comunidade, que conseqüentemente aumenta a demanda por água.

Embora a palavra “Gestão” possa ser relacionada com o mundo empresarial é preciso cuidado para que não se limite aos aspectos meramente tecnicistas, essa dimensão agrega os dilemas da escassez de água, as formas variadas de acesso à água e os meios de se vencer alguns problemas socioambientais.

A origem da água utilizada pelos quilombolas em suas casas já não é mais a mesma de seus antepassados, os quais tinham os córregos da comunidade como fonte de água. Ainda hoje alguns quilombolas fazem uso da água dos córregos, mas não com a mesma frequência de antigamente, pois naquele período era a única opção para os que possuíam poucos recursos financeiros.

Funcionário/a da Escola		<i>“A gente tinha que pegar água na cabeça, pegar água longe. [...] passamos um tempão sofrendo porque não tinha dinheiro para comprar bomba para puxar água, era na cabeça, quando conseguia alguma charrete, ia de charrete.”</i>
----------------------------	--	---

A opinião dos quilombolas em relação à melhoria de acesso à água na comunidade é a construção de poços artesianos. Para eles a construção de mais poços na comunidade resolveria a maioria dos problemas e seria melhor ainda se estes poços fossem construídos próximo às suas casas, facilitando o acesso ao poço.

Funcionário/a da Escola		<i>“Eu acho que pode melhorar se construir poços semi-artesianos. Não precisa ser na casa das pessoas se não pode afetar os lençóis freáticos, mas distribuir pela comunidade nos locais onde têm mais moradores”.</i>
----------------------------	--	--

Os moradores do quilombo que têm melhores condições financeiras já construíram poços em seus quintais, porém, aqueles que possuem poucos recursos financeiros dependem do poço da comunidade e muitos conseguem levar água até suas casas com as latas d’água na cabeça (Figura 2). Se fosse atendida a demanda dos moradores para a construção de poços em seus quintais, provavelmente os lençóis freáticos não suportariam

toda a demanda. Assim, a construção de poços na comunidade é visto pelos quilombolas como a solução de seus problemas com a água, e conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida.

Figura 02: Quilombola levando água do poço para sua casa com a lata d'água na cabeça.



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Compreende-se que a construção de poços na comunidade transforma os costumes e a identidade de um povo que sempre dependeu dos córregos para ter acesso à água. Não se pretende aqui defender que eles retornem a sua condição anterior, acredita-se que eles não devem estar amarrados a apenas uma técnica. A escolha pelo modo de vida não deve ser imposta, mas o seu autoconhecimento e reconhecimento deverem ser suficientes para que eles possam escolher a melhor forma de suprir suas necessidades.

Diferencia-se, aqui, o “Currículo” da escola e o currículo da comunidade por uma simples opção pedagógica, sem estabelecer hierarquia ou supremacia entre estes dois currículos. Ao se evidenciar o currículo da comunidade parte-se do conceito de Freire (1992) que retrata o “saber de experiência feito” que são construídos a partir do saber da experiência sociocultural transferida de gerações a gerações. E busca-se seguir os princípios das escolas sustentáveis dando ênfase à escola e ao seu espaço formal de aprendizagem. Trata-se sobre a dimensão disciplinar, conceitos e formalidades pedagógicas da Escola Quilombola Tereza Conceição Arruda.

Os conflitos, a dificuldade de acesso à água, as mudanças ambientais e climáticas fazem parte do cotidiano dos moradores do quilombo de Mata Cavallo, mas o que esperar

em relação ao futuro? Os jovens estão cientes dos problemas socioambientais de sua comunidade? A escola aborda estes assuntos?

Neste sentido fez-se importante compreender como a educação ambiental e a temática água são trabalhadas no contexto escolar para entender qual a formação que estes estudantes estão recebendo em relação a estes temas que são importantes e constantes na realidade da comunidade. Desta forma, foi perguntado aos estudantes se estes temas são abordados em sala de aula e como são abordados.

Estudante | *“[...] Eles falam de várias formas, a gente estuda nas aulas de biologia, de geografia e história. Eu vejo que a água deveria ser melhor tratado no espaço físico da escola, por que quando as caixas de água estão enchendo e começam a derramar todos veem mas ninguém desliga”.*

Os estudantes afirmam que os temas são trabalhados na escola, mas acreditam maior atenção deveria ser dada a estes assuntos. Os professores trabalham apenas questões pontuais como queimadas, desmatamentos, poluição e desperdícios de água. Um dos estudantes cita exemplos de desperdícios dentro da própria escola, como quando a água derrama das caixas já cheias e são poucas as pessoas que se importam em desligar.

Por meio das entrevistas e consultas ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola compreende-se que a escola não aborda estes assuntos em sala de aula e quando abordados é de forma superficial e indireta. Conforme relatos de professores e estudantes foi possível entender que a história da comunidade, assim como estes temas não estão inseridos no PPP da escola, desta forma não são obrigados a serem abordados pelos professores.

Assim como para os estudantes, perguntou-se aos funcionários da escola como a educação ambiental e a temática água são trabalhados na escola. Eles responderam que:

Funcionário/a da Escola | *“Não é muito falado. Eu como sou professora tenho que abordar estes assuntos, mas não está inserido no PPP da escola. Eu acho que é uma parte que tem que melhorar e que muitos alunos não tem noção. [...] É abordada de forma indireta, por exemplo, na época das queimadas eles reclamam que está calor aí eu tento introduzir o assunto na aula”.*

O que esperar do futuro da comunidade se os jovens não estão cientes de suas histórias, de suas lutas e dos conflitos que os cercam? O conhecimento é essencial na luta pelo território. Como afirma Santos (2005, p. 300), o conhecimento exprime-se

territorialmente e o território é a expressão material da rede de relações que constrói o conhecimento, incluindo o idioma e outras manifestações da cultura. Os direitos intelectuais são entendidos, então, como um prolongamento dos direitos territoriais.

Durante a entrevista com uma professora da escola compreende-se que os problemas socioambientais que atingem o quilombo Mata Cavalu, principalmente a dificuldade de acesso à água, pode ser percebido dentro das salas de aula. A professora afirma que:

Funcionário/a da Escola | *“Tem alunos aqui que não tem a comodidade de tomar banho em um banheiro, com chuveiro, tem que ser no balde e isso é complicado porque interfere na higiene dos alunos, às vezes tem alunos que vem sujos pra escola e às vezes não é porque quer, é por que não tem água com facilidade em casa e às vezes sai muito cedo aí fica mais difícil pegar água, aí do jeito que acorda vem para escola”*

Por ser uma escola localizada na zona rural do município, a distância entre as casas e a escola é na maioria das vezes longas, fato que demanda o uso de um ônibus para transportar os alunos. A longa distância somada à dificuldade de acesso à água faz com que muitos estudantes se desloquem para a escola sem a possibilidade de tomar um banho ou outras formas de higiene. Deve-se considerar ainda que é comum a própria escola sofrer com a falta de água, tanto para beber, quanto para outros usos, desta forma entende-se que a falta de água na comunidade está presente em muitos momentos do cotidiano quilombola.

Os jovens precisam estar informados e instruídos sobre o que ocorre em sua comunidade e também no mundo, precisam compreender como se dá o processo de globalização e a concentração de riquezas nas mãos da minoria, como sua realidade tem relação com as diversas realidades econômicas, sociais e culturais ao redor do mundo.

Entender os processos que resultam nas diferenças sociais é importante para combater estas diferenças. O conhecimento é a melhor maneira de se opor ao sistema e lutar pelos seus direitos e de sua comunidade. A escola não pode se negar a exercer seu papel de conceber uma compreensão crítica da realidade com práticas libertadoras e emancipatórias contribuindo na formação crítica e política dos discentes (FREIRE, 1987).

O que esperar do futuro quando o presente não está sendo tratado como deveria? Harvey (2009, p. 286) afirma que “tal como muitas outras espécies, somos perfeitamente capazes de destruir nosso próprio ninho ou dilapidar nossos próprios recursos básicos de forma a ameaçar gravemente nossas próprias condições de sobrevivência.” A humanidade

está totalmente propensa a isso se atitudes não forem tomadas desde o início da sua formação, pois a natureza já fragilizada vem mostrando seus limites cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CAMINHOS PERCORRIDOS

A realização desta pesquisa permitiu compreender um problema grave de uma comunidade que enfrenta outros inúmeros desafios. Com o objetivo de compreender a percepção dos quilombolas de Mata Cavalo sobre a água esta pesquisa mostrou muito mais do que se buscava ver, ouvir, sentir, saber ou pesquisar.

Os quilombolas de Mata Cavalo percebem que a origem da água que utilizam em suas casas mudou, que os córregos de onde retiravam água para sobreviver já não são mais os mesmos, impossibilitando seu uso como antigamente. Os córregos não são mais os mesmos por que o desmatamento, a poluição, o garimpo, as queimadas e outras intervenções humanas, os destruíram.

A natureza, o ambiente natural e o clima também não são mais os mesmos, tudo está muito diferente. Os animais, as árvores e os córregos estão desaparecendo, o clima está mais quente e as chuvas não caem nos períodos certos. Estas mudanças são atribuídas às ações humanas diante da natureza, e eles os quilombolas, também se veem como parte destas pessoas que não tratam a natureza como ela merece.

Os conflitos na comunidade mais comuns envolvem o poço artesiano da comunidade, este que está conseguindo abastecer a comunidade há quase trinta anos, apenas os poucos moradores que têm seus próprios poços em seus quintais não utilizam a água do poço da comunidade.

A solução apontada unanimemente pelos quilombolas para o problema com a falta de água é a construção de mais poços artesanais na comunidade. Esta solução é desanimadora quando percebe-se que a construção dos poços é mais importante para eles do que a conservação e recuperação dos córregos dos quais retiravam água antigamente, embora a urgência em ter acesso à água faça com que os poços seja a solução mais rápida e próxima da realidade em que vivem.

Ao apontarem que precisam de mais poços na comunidade eles se esquecem de que há outras formas de ter acesso à água no quilombo, como a construção de cisternas para reaproveitamento de água da chuva e, principalmente, de recuperar o ambiente natural em que estão inseridos, embora o acesso aos córregos pelos quilombolas seja limitado pelo fato da maioria estar localizado nas propriedades dos fazendeiros da região.

A qualidade e a quantidade de água mudaram com o decorrer do tempo, e para a maioria dos quilombolas, mudou para melhor. Para eles não existe diferença na qualidade da água que retiram dos poços e a água que buscavam nos córregos antigamente. A quantidade e o acesso à água melhoraram em virtude da construção dos poços, para eles é mais fácil utilizar algum meio de transporte ou mesmo com a lata d'água na cabeça, irem até os poços para pegar água do que ter que percorrer longas distâncias dentro da mata até os córregos.

As mudanças são necessárias tanto dos quilombolas e fazendeiros da região com suas atitudes em relação aos bens naturais, quanto do Poder Público que deveria atender as necessidades básicas deste povo vulnerável. É necessário repensar a construção de vários poços na comunidade e avaliar se a natureza suportaria toda esta demanda. É difícil apontar uma solução para este problema, mas compreende-se que conservar os bens naturais é o começo para qualquer solução.

A globalização tem o poder de transformar o mundo em questão de minutos e infelizmente ninguém está isento deste movimento que transforma culturas, saberes, costumes e um povo. O tradicional está dando lugar ao tecnicismo. Os quilombolas que buscavam água com a lata d'água na cabeça, ou os poucos que ainda fazem isso, preferem uma bomba d'água que leve até eles de forma mais confortável e rápida a água que precisam. As novas tecnologias têm a vantagem de facilitar a vida das pessoas em muitos aspectos, mas é necessário ter discernimento para optar pelo que auxilia de forma completa e, especialmente, respeitando as culturas e a natureza.

A educação ambiental proposta pelo grupo pesquisador e trabalhada ao longo dos dez anos em parceria com a comunidade quilombola de Mata Cavallo, pode ser um importante caminho para fortalecer as lutas do quilombo e os ajudar a extrapolar a visão de que mais poços ou recursos financeiros podem resolver seus problemas definitivamente. É importante compreender que assim como a construção de poços, embora seja uma forma imediata de ter acesso à água, a recuperação do ambiente natural que habitam também é uma maneira de ter acesso à água, embora não atenda às suas necessidades com a urgência necessária.

Com o aporte da Cartografia do Imaginário esta viagem foi realizada e a mesma trouxe muitas descobertas, prazeres e conhecimentos. Foi descoberta a história de um povo que em meio a grandes lutas e dificuldades procuram olhar o lado bom dos acontecimentos, sempre com sorrisos no rosto e o brilho de esperança nos olhos por acreditarem que dias melhores virão. Teve-se o prazer de conviver com pessoas fortes, as

quais permitiram a entrada em suas casas e conhecer além de suas histórias, também seus sentimentos.

A viagem foi muito proveitosa e voltou-se desta com a bagagem cheia de experiências, transformações e ótimas lembranças. As vivências na comunidade permitiram ver o mundo com outros olhos e rever os conceitos de dificuldades, pois existem pessoas que são completamente alheias aos serviços que o governo tem obrigação de oferecer ou mesmo não tem um pouco de terra para chamar de sua, enquanto os fazendeiros ao redor de sua comunidade possuem muito mais do que precisam.

Espera-se que pesquisa contribua para que os quilombolas se vejam como agentes transformadores da realidade que os cercam, e que embora as dificuldades sejam notórias em seu cotidiano, é possível e é necessário lutar por seus direitos e principalmente, por um mundo melhor e justo, em que a cor da pele e as condições financeiras não sejam determinantes para a forma de viver.

O acesso à água de boa qualidade é uma necessidade e direito de todos independente de ser humano ou qualquer ser vivo. A classe econômica, social ou cultural não deve definir quem pode ter acesso a este bem natural essencial. É necessário ter um olhar especial para este problema que é um dos maiores da humanidade, pois compreende-se que sem água absolutamente ninguém consegue sobreviver, porém não se trata apenas de água, mas de água acessível a todos e de boa qualidade.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARROS, Edir Pina de. **Laudo pericial histórico-antropológico**. Justiça Federal de Mato Grosso, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57- 63, 1995.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas: poder, resistência e educação no Quilombo de Mata Cavalo**./ Rosana Manfrinate. 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Semear outras soluções**: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, Francisco José Pegado (Org.). **Educação Ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2011. p. 539-569.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. Estrelas e constelações: Aprendizes de um grupo pesquisador. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, v. 14, n. 2, p. 139-145, 2009.

SILVA, Regina Aparecida da. **Do invisível ao visível**: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil . 2011. 222 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

Submetido em: 22-08-2017.

Publicado em: 15-12-2017.